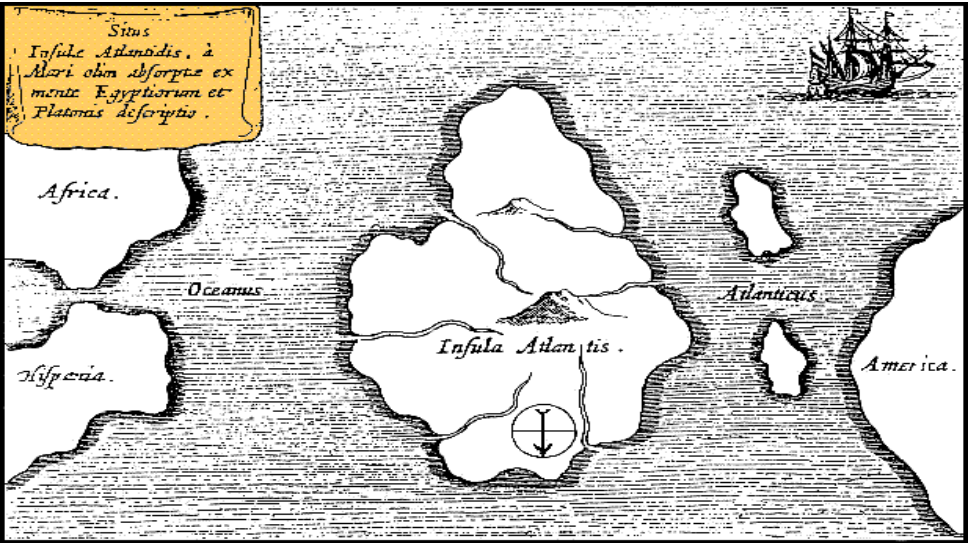


CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS



CADERNO Nº # 25 - edição setembro 2014

DEDICADO A Maria Luísa Soares

Todas as edições estão em linha em <http://www.lusofonias.net>

Editor AICL/Colóquios da Lusofonia - Chrys Chrystello editou este número
Coordenação Chrys e Helena Chrystello

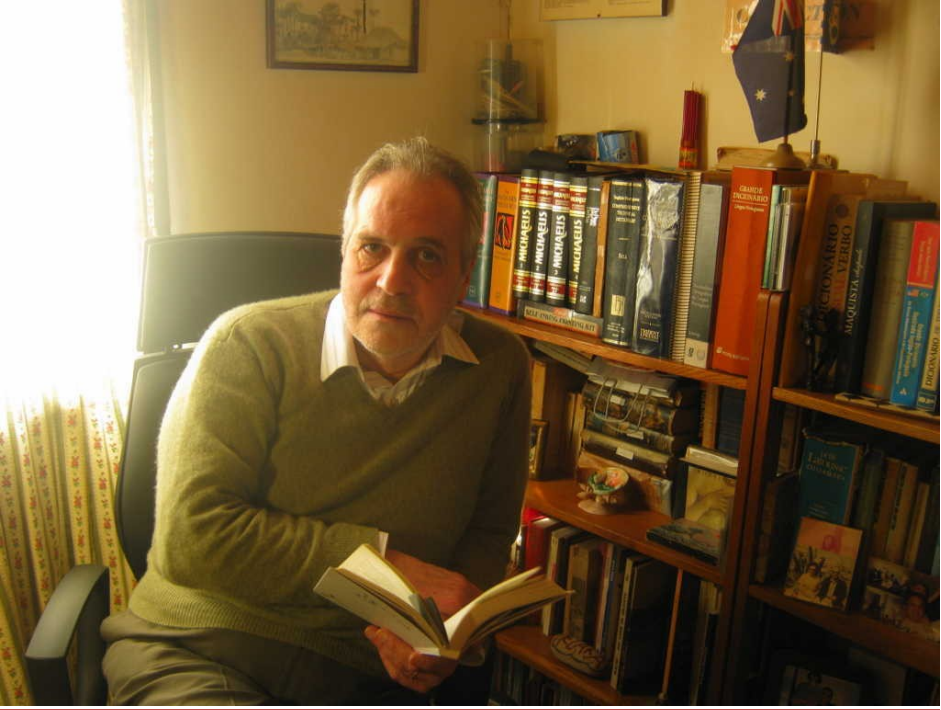
CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por

COLÓQUIOS DA LUSOFONIA (AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA - revisto outubro de 18

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



NOTA INTRODUTÓRIA DO EDITOR, CHRYS CHRYSTELLO

No XI Colóquio da Lusofonia na Lagoa em 2009 (4º Encontro Açoriano), decidimos obviar ao fim do Curso de Estudos Açorianos na Universidade dos Açores¹ e organizar na Universidade do Minho, Braga, com a colega Rosário Girão, um **Curso Breve “AÇORIANIDADE(s) e INSULARIDADE(s)”**.

A partir desse ano, diversos alunos de mestrado da Universidade do Minho, entre outras, trabalharam autores açorianos traduzindo excertos para francês e inglês e tais autores açorianos foram incluídos em doutoramentos e mestrados na Polónia e Roménia.

Decidimos então criar no nosso portal AICL (www.lusofonias.net) os **Cadernos de Estudos Açorianos** para dar a conhecer excertos de obras (na sua maioria esgotadas) de autores açorianos e, assim, abrir uma janela de conhecimento e divulgação sobre esta peculiar e rica escrita que entendemos ser diferente.

Em janeiro 2010, brotaram estes despretenhosos **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** para acesso generalizado, fácil leitura e descarga em formato pdf. A sua conceção assenta na premência de dar a conhecer

¹ Criado e ministrado por Martins Garcia, posteriormente, por Urbano Bettencourt

a **AÇORIANIDADE LITERÁRIA**, servirem de complemento aos currículos regionais e às Antologias de Autores Açorianos que a AICL começou a publicar a partir de então.

Os **CADERNOS de ESTUDOS AÇORIANOS** são uma publicação trimestral que tenta chegar a leitores nunca imaginados em todo o mundo. Não há qualquer critério – além da arbitrariedade - a definir a ordem de apresentação dos autores.

Muitos autores fazem parte da **ANTOLOGIA DE AUTORES AÇORIANOS CONTEMPORÂNEOS** que a Helena Chrystello e a Rosário Girão compilaram na versão **bilingue** (PT-EN) em 2011, na **monolingue** em 2012, na Coletânea de Textos Dramáticos de 2013, a que seguiu, em 2014, uma Antologia no Feminino **“9 ilhas, 9 escritoras”**. Acolhemos como premissa o conceito de **Martins Garcia** que, admite uma literatura açoriana *«enquanto superstrutura emanada de um habitat, de uma vivência e de uma mundividência»*.

A açorianidade literária (termo cunhado por Vitorino Nemésio, na revista Insula, em 1932) não está exclusivamente relacionada com peculiaridades regionais, nem com temas comumente abordados na literatura (a solidão, o mar, a emigração), ou como escreveu **J. Almeida Pavão** (1988)...*“assume-se tal Literatura com o estatuto de uma autonomia, consentânea com uma essencialidade que a diferencia da Continental”*.

Assim, para nós [AICL], é Literatura de significação açoriana, *“a escrita que se diferencia da de outros autores de Língua portuguesa com especificidades que identificam o autor talhado por elementos atmosféricos e sociológicos descoincidentes, justaposto a vivências e comportamentos seculares sendo necessário apreender a noção das suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizam face aos antepassados, às ilhas e locais de origem”*.

A AICL entende que o rótulo comum de **açorianidade** abarca extratos diversos de idiossincrasias:

— *Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*

— *O dos insularizados ou «ilhanizados»², e de todos que consideram as ilhas como “suas” de um ponto de vista de matriz existencial;*

- *Um de formação exógena, no qual se incluem todos os que não nascendo nas ilhas a elas estão ligados por matrizes geracionais até à sexta geração.*

As obras já desenvolvidas e publicadas pela AICL (Colóquios da Lusofonia) em parceria com a Editora Calendário de Letras, numa série de antologias, visam dar a conhecer ao público em geral e – muito especialmente – aos professores e estudantes, excertos de autores cujas obras estão fora do mercado comercial, das livrarias e muitas vezes até das bibliotecas. Sugerimos pois a consulta das seguintes obras coeditadas pela Editora Calendário de Letras

- Antologia Bilingue de (15) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Antologia (Monolingue) de (17) Autores Açorianos Contemporâneos,
- Coletânea de Textos Dramáticos de (5) Autores Açorianos,

- Antologia no Feminino “9 Ilhas, 9 Escritoras”

Ou a nível mais pessoal o meu livro “**CHRÓNICAÇORES** (vol. 2) uma circum-navegação de Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores, e o “Crónica do Quotidiano Inútil, 40 anos de vida literária”, com as suas doses de açorianidade.

Para os iniciados em autores e temas açorianos, sugerimos que consultem a **BIBLIOGRAFIA GERAL DA AÇORIANIDADE** com mais de 19 mil entradas compilada ao longo de mais de sete anos e a ser publicada em 2017. Ali incluímos autores açorianos (residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais (açorianizados ou não) que escreveram sobre temáticas açorianas. Exaustiva é, mas ainda incompleta, se bem que seja indicadora do se tem produzido e muito do qual merece ser lido, analisado, criticado, trabalhado e traduzido.

Nem todos os trabalhos dizem respeito a literatura já que a quisemos tornar o mais abrangente possível e englobar nela o maior número de obras, de uma forma ou outra, relativas à AÇORIANIDADE. Dentre as obras literárias muitas não serão obras-primas nem relevantes, outras permanecem atuais pelo seu interesse histórico, mas por entre o trigo e o joio há excelentes obras à espera de serem descobertas, lidas e ensinadas.

Nos CADERNOS já se publicaram autores contemporâneos presentes ou homenageados nos colóquios além de nomes incontornáveis:

1. Cristóvão de Aguiar,
2. Daniel de Sá,
3. Dias de Melo,
4. Vasco Pereira da Costa,
5. Álamo de Oliveira,
6. Caetano Valadão Serpa,
7. Fernando Aires,
8. Mário Machado Fraião,
9. Emanuel Félix,
10. Eduardo Bettencourt Pinto,
11. Urbano Bettencourt,
12. Eduíno de Jesus,
13. Onésimo T. Almeida,
14. Maria de Fátima Borges,
15. Marcolino Candeias,
16. Norberto Ávila,
17. Victor Rui Soares,

² adotando a designação feliz utilizada por Álamo Oliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino

18. José Martins Garcia,
 19. -----
 20. Joana Félix,
 21. José Nuno da Câmara Pereira,
 22. Manuel Policarpo (Vasco Pereira da Costa),
 23. Maria das Dores Beirão
 24. Tomaz Borba Vieira,
 25. hoje damos voz a...**Maria Luísa Soares.**
-



Eu, Maria Luísa Soares, posso afirmar-vos com verdade que nasci na ilha açoriana de S. Jorge, ia ainda o século XX a meio, no último dia de um outubro chuvoso. Mais exatitudes? Mais arrimos de circunstância? Bem, aí vão eles: na verdade, foi o ano de 1940 que me viu nascer. A partir de então tenho espraído a vida por vários sítios do planeta: Açores, Lisboa Moçambique. E já agora, por que não falar também de Itália, Espanha, Suíça, Bélgica, Holanda, França, Alemanha, Cuba, Jordânia, Turquia, Marrocos, lugares onde experienciei coisas muito belas que acrescentaram um pouco daquilo que sou hoje?

AICL - Caderno de estudos açorianos nº 25

Tenho vivido (mais uma exatidão: lecionei adultos em diversas escolas secundárias e ajudei meninos a crescer em jardins de infância) e tenho visto viver.

Nasceu-me, ao longo do tempo, uma enorme necessidade de extroverter no papel o que vejo e o que penso e sinto acerca daquilo que sou e que vejo.

Assim, o aparecimento de diversos livros: ESTRANHA FORMA DE VIDA (contos), RIBEIRA SUBMERSA (poesia), QUATRO VOZES E VIRGÍNIA (romance), ÁFRICA, O CORPO E AS SOMBRAS (poesia), EM NOME DOS PRINCÍPIOS (romance), A ILHA DÉCIMA (romance), OLHANDO O NOSSO CÉU (romance), NO TEMPO DOS JACARANDÁS (romance).

O último, acabado de sair da gráfica, chama-se Gostar de ti e esperar-te, e é um livro de contos.

E fiquemo-nos por aqui, que sou avessa a falar de mim: acreditem, a minha vida privada não tem nada de interessante.

As minhas personagens, sim. Só vos peço que não caiam na tentação de me ver espelhada em todas elas.

Poderá haver um fundo de mim mas não sou eu por inteiro.

(Devo pedir desculpa por esta nota biográfica tão pouco convencional? Então aí vai o meu pedido de desculpas. Mas, por favor, tenham em conta que nunca fui dada a convencionalismos de qualquer espécie...)

1. PRAINHA DE ANGRA

o principal encanto do verão
está neste cheiro a lapas
nas gaivotas
tão próximas e tão irmãs
na voz do Mar
repercutida em ecos
e em pedaços de som
que a maresia vai ampliando
a eternidade
é esta abóboda infinita
este desvairamento de amplidão
onde as nuvens se atropelam
e o eco se reencontra feliz

o Sol
senhor de uma imensa força
estática e quente
domina
quieto e sábio

a infinitude com que o Mar se cobre
o íntimo cheiro a lapas
e o insólito despojamento dos humanos

tão sábios tão poderosos
o Mar e o Sol
tão a dar rédea solta
à voz do verão
por dentro da ilha toda

o principal encanto do verão
é esta promessa de eternidade
este agora despojado de passado e de futuro
esta partícula de instante suspenso
em prolongação
esta voz que se sabe universal
mas se sente tão nossa e tão única

tão sábios e tão poderosos
o Mar e o Sol
tão a dar sentido
àquilo que sentimos.

2.

Reconstruir a vida, levantar hipóteses, recriar aquela que se tem é um prestigiante labor de humano, há que reconhecê-lo. Por isso iremos ver a Jesualda que eu sou entregue a esse labor ao longo dos dias da sua vida. Um labor de aranha apanhada e empenhada em sua teia de construção e desconstrução, cega no esquecimento da sua condição de prisioneira dessa teia, mas quem sabe ou conhece os desígnios escondidos de uma ínfima aranha e se ela se esquece mesmo da sua condição de encarcerada. Nem isso importa. O que importa é frisar que há muitas maneiras de construção e desconstrução dessa teia, sendo que nem todas são igualmente satisfatórias embora todas sejam igualmente necessárias. Por exemplo, estender-se uma pessoa ao comprido na memória que tem, não é coisa que satisfaça por completo. Como também não o é rever-se no mimetismo contagiante dos outros à volta. E daí, que tentação. Seguir à risca os padrões estabelecido, as sábias regras criadas ao longo dos tempos por toda uma sociedade que se preze, caso não se queira fazer ondas. Se bem que às vezes haja quem queira, ou melhor, quem não se importe de criar verdadeiros mares encapelados:

- Mas ela move-se, apesar de tudo!
- Eureka !
- Não, não vou por aí.

Labor de aranha. Labor de construção e desconstrução de teias. Mas e o destino, meus amigos, onde vamos meter o destino. Predestinação, fatalismo, o que tem-de-ser tem de ser. Meras palavras ou muito mais que isso?

- Não, não vou por aí, senhores, dirá o José Régio, se confrontado com tais perguntas
- Nem eu porque ela move-se, ouvir-se-á em eco Galileu-o-blasfemo, desimportado de consequências.

3

Aquele era mais um domingo de cumprimento do preceito dominical, por isso mesmo, de igrejas cheias a abarrotar de gente. Para além da presença palpável de Deus, pairava nelas uma outra presença de invisível, invariavelmente a assumir forma e escape nas homilias, e não se podia levar a mal que muitos padres não resistissem a uma alfinetadela prudente ou descarada, conforme a ideológica intenção, face a um rebanho tão dócil, tão vulnerável de atualidade.

Mesmo as freiras, e tia Amélia com elas, tinham ido depositar seu voto e sua fé, tudo entregando nas mãos de Deus, pai de todos. O resultado, porém, foi de grande descoroçoamento não só para tia Amélia, como para toda a comunidade religiosa, Valha-nos Deus, que é que se pode esperar de socialistas, criaturas arredias de Deus e das coisas sagradas, primos muito próximos dos comunistas, que mundo este, é bem certo que os filhos das trevas são mais hábeis que os filhos da luz. Durante anos a fio a unção daquele voto ia para quem era merecedor dele, pois hoje em dia qual é o povo que se pode gabar de ter como governante alguém tão respeitador das leis da Santa Madre Igreja, frequentando-a em missa diária e mostrando por atos e compostura ser tão temente a Deus, quem? Mas agora, Senhor, agora que surpresas, que futuro, que desacatos? Valeu-lhes o bálsamo da consolação dos diretores espirituais: Minhas filhas, Deus muitas vezes escreve direito por linhas tortas, entreguemo-nos nas suas mãos e oremos, não se sabendo, porém, se tais orações se destinavam a incluir também o recém-nomeado dirigente socialista. Não se sabia nesta altura, mas mais tarde teve-se a certeza confirmada de que sim. E deve ter sido de tal ordem a eficácia, isto é, o empenho e a veemência das orações da gente da igreja que Deus fez-lhes a vontade e manifestou o seu poder, assistindo de forma bem notória e visível nos atos da governação do dito governo socialista.

4

Ser Ilha ou quase, é viver no rasto do sobressalto. Se lhe quisemos dar um nome e um rosto diremos que se chama basalto e se apresenta em rochas de um negrume maciço e pouco fiável. Tão lindo aos olhos dos turistas, tão interessante aos olhos dos estudiosos. Tão indiferente a maior parte das vezes, aos olhos dos autóctones, apenas despertos para o poder que o habita quando a terra treme.

Entretanto, o meu coração de Ilha de tudo dá conta, não se estranhe o meu silêncio até agora, tendo-se em conta que existem milhentas coisas por onde uma ilha se espraia e se distrai, dados os vários fios que lhe tecem os dias.

O facto de me situar a pouca distância da Terceira faz de mim uma cúmplice muito especial, até pela estreita ligação que nos une, uma ligação de número com que fomos batizadas, sendo ela Terceira, e eu, quando for tempo disso, Décima. Por muito tempo a minha existência foi a de um vulcão escondido, vindo longe os dias de desassossego que iriam preceder o meu aparecimento, falo daqueles dias em que milhares de máscaras protetoras irão ser distribuídas e do plano de evacuação através da Serreta, Doze Ribeiras, Raminho, Santa Bárbara, Cinco Ribeiras, São Bartolomeu, Altares, Biscoitos, o cordão do sobressalto pele Ilha toda. O cordão da cegueira também, pois que ninguém fez muito caso dos inúmeros sinais e indícios que apontavam caminho para grandes alterações. Falo dos bezerros que em alguns pontos da Ilha foram nascendo com duas cabeças, tão pouco a ocorrência do eclipse haveria de levantar suspeições, vislumbrando-se-lhe apenas sinais de fim de mundo, de todo se ignorando o que ele anunciava de começo de outros.





5.

Estava a Terceira em sossego posta, as ribeiras transbordantes de pasmo e bocejo, seus ímpetos tauromáquicos refreados, intacta sua lonjura e ausente o eco dos foguetes, os tais que iriam em maio acordar toda a Ilha e escorraçar bolores e torpores de meses, quando mancheias de um bafo diferente soprou em todas as direções, não sendo possível às marés abafar-lhes o sopro.

Josefa, em casa, foi a primeira pessoa a sentir-lhes o efeito quando encontrou duas barças de salmoira inexplicavelmente estragadas. Entrou num desatino semelhante ao do roubo das galinhas, só que desta vez mais controlado, pois tinha aprendido a ter mão em si acontecesse o que acontecesse, estava tudo de olhos postos nela, mesmo assim uma pessoa não é de ferro, além de que todos os dias tem de arranjar comida para pôr diante da família, isso é que tem, ora o transtorno, enreda-se ela em aflição e monólogo sem encontrar explicação adequada.

O que Josefa desconhecia é que, alguns dias antes, Sebastianinha tinha descoberto que a água que estava prestes a beber e era habitualmente límpida e transparente, virara ali no copo, inexplicavelmente azul, um azul irreal que espantava e criava raízes para o sonho, mas de igual modo, dissipava toada a vontade de beber, dizendo depois Sebastiana, afirmando-o a pés juntos com os irmãos a verem pelos olhos dela, que todos os outros líquidos viravam também azuis. Foi a greve ao leite, principal alimento da casa, sendo que a solução que se lhes deparou, de um imediatismo mais prático, foi fazê-lo desaparecer sem grande alarde nas ditas barças de conduto. Mas disto não podia Josefa saber, como é óbvio. Do que ela dava conta era do calor fora de propósito e de estação, uma espécie de asfixia a descambar inquietação que parecia contagiar também os animais, os gatos e os cães, até as galinhas, para já não falar do voo cego e desorientado das gaivotas a golpear a Ilha em todas as direções. Depois, foi aquela conversa que teve com a mulher que a vinha ajudar no cozimento do pão, Já viu, senhora Josefa, o que acontece às flores quando a gente as põe nas jarras? Foi ver para crer e vergou-se, ela também, a um espanto desconsolado e triste diante de tamanha emurchação, Credo in cruz onde é que já se viu as flores murcharem assim de repente, mas ficou-se por ali que outras interrogações de maior importância lhe enchiam a cabeça e os dias.

Tendo Josefa passado o pano do bom senso por esta e outras invulgaridades daqueles dias, o mesmo não aconteceu com outros que receberam no cheio das caras e das almas as baforadas do tal sopro, um puro enxofre que, sabia-se agora, provinha das ribeiras, num repente secas e a libertar aqueles vapores que ameaçavam murchar não só plantas como pessoas e animais dentro de um círculo a que não se podia fugir, pois que a neblina tinha aumentado perigosamente e já não era neblina mas um estranho anel de nevoeiro denso de que não havia memória na Ilha e que paralisava todo o tráfego de carros e depois de pessoas, pois quando estas começaram a chocar umas com as outras, nariz com nariz, ombro com ombro, acharam que clausura por clausura, melhor seria a das casas onde os móveis não se zangavam aquando destes choques e os familiares eram mais benevolentes.

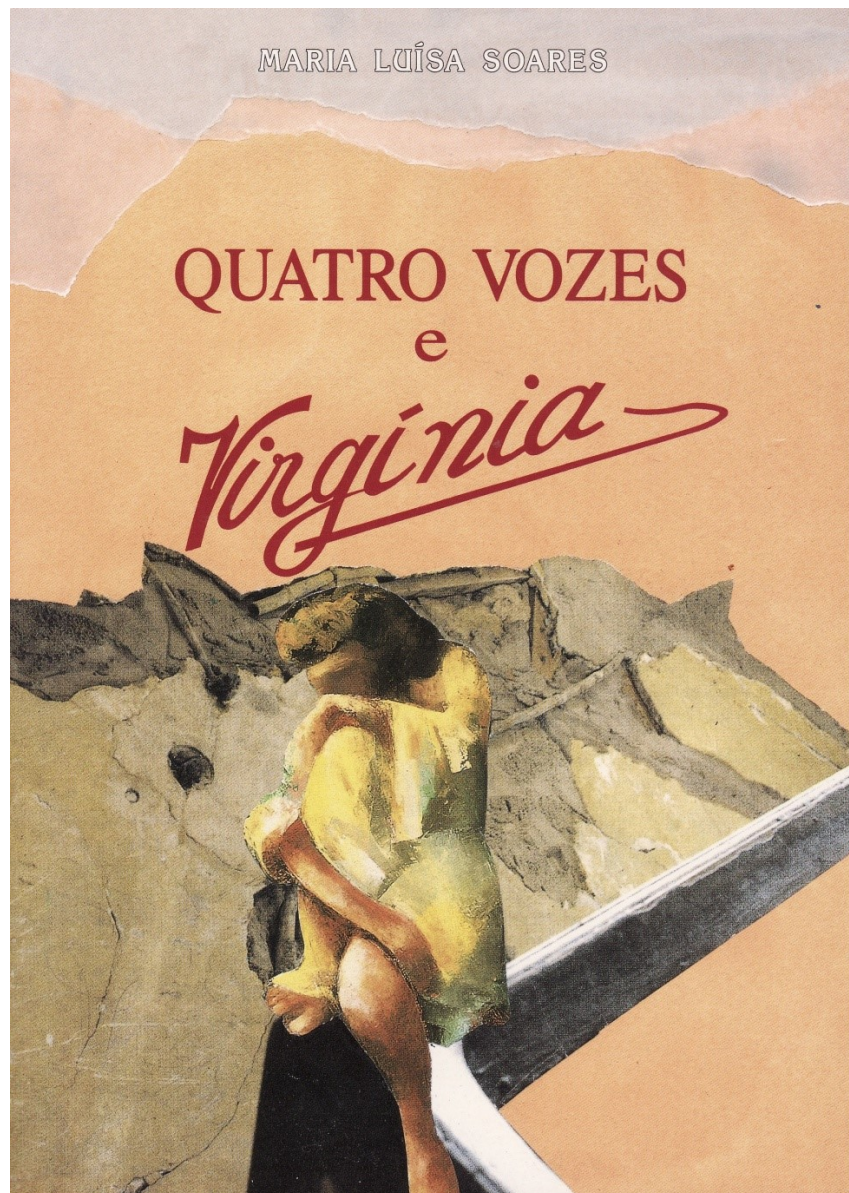
Mas as coisas não se ficaram por aqui e muitos haviam de se lembrar mais tarde que precisamente nas vésperas do sismo acontecer tinham sido obrigados a deixar a clausura, espicaçados pela curiosidade de verem um árvore que, em crescimento imparável ali para os lados da Memória, furava espantos e neblinas, em breve ultrapassando em altura a própria Memória. Inácio Jorge, entre esses, havia também de observar o fenómeno,

mas com olhos de quem há muito se habituou à outra face das coisas, apenas disse para quem o quis ouvir, Aquilo só pode ser coisa que os americanos trouxeram, eles têm lá de tudo na América. Assim disse e assim virou costas à loucura de alguns que já anteviam a possibilidade de aquela ser uma escada salvadora ali bem ao alcance de todos e que era preciso começar a subir a fim de fugirem ao círculo de nevoeiro que ameaçava estrangulá-los.

6.

Naquela altura os moinhos eram ainda movidos a água, uma água vinda das nascentes da Ilha e canalizada em valas que se precipitavam numa pressa de transbordância líquida por cima das grandes rodas de azenha fazendo-as mover e moer de igual modo o trigo, o milho e o tempo. Eram estas azenhas as grandes clepsidras, não de areia e sim de água e a uma primeira vista, isto é, aos olhos de quem as visse despojadas de interesses de utilidade prática, serviam elas para medir o tempo a um ritmo arrastado e lento, digo, sonolento. Que era o tempo da Ilha. Todas as ilhas respiram e pulsam a um ritmo que lhes é próprio e característico, um ritmo por onde se sente o deslizar das horas, dos minutos e dos segundos a caminho da eternidade. Podia dizer-se, com toda a verdade, que o coração do tempo da Ilha Terceira se situava ali naqueles moinhos.





7

Que se saiba, quem primeiro o acusou foi a mulher que ajudava tia Zulmira nas lides domésticas. Começou por se insurgir contra a sujidade que havia dois dias seguidos persistiam em lhe manchar a roupa deixada lá fora a secar de um dia para o outro. Perscrutou os céus e os nenhures à volta e como não encontrasse resposta adequada para semelhante transtorno, queixou-se à tia Zulmira. Esta, por sua vez, depois de verificar com os próprios olhos que não havia ali exagero de qualquer espécie, queixou-se às vizinhas criando-se assim uma poderosa corrente de queixas, já que todas eram unânimes no mesmo e não conseguiam encontrar razões que explicassem tamanha sujeira assim repentina que parecia ter caído do céu, se fosse possível o céu ser capaz de desfeitas daquelas.

Depois, no rasto destas, vieram as queixas de que os carros apareciam inexplicavelmente sujos, cobertos por uma fina camada de poeira a tender para um escuro avermelhado. E como se isto não bastasse, acordaram um dia os terceirenses vítimas de um estranho mal que os fez correr às urgências do hospital e dos dois centros de saúde da Ilha, alastrando-se um alarmante regurgitar de gente assustada e em irritação crescente que exigia de pronto uma resposta médica à altura. O pior era que também os médicos e demais pessoal de saúde estavam acometidos do mesmo mal, eles também sem respostas nem poderes. Boatava-se que nas restantes ilhas do arquipélago existiam manifestações semelhantes às do estranho mal que os afetava, embora em grau mais inofensivo, pois que aí as pessoas apareciam apenas roucas e com ligeiras infeções de garganta. Na Terceira não. Na Terceira via-se uma pessoa privada da voz, uma afonia aflitiva de cortar raízes a todo e qualquer som que tentasse articular-se e estabelecer a ponte da normal comunicação. Privados de voz e com tremendas irritações de garganta, era este o estado a que tinham chegado os terceirenses, sendo a roupa e os carros sujos males de pequena monta comparados com o que lhes estava a acontecer. E o que, sabe-se lá, ainda viria a caminho, diziam-se eles por gestos e por escrito, a maneira corrente de comunicarem uns com os outros naquele transe. Por cima da Ilha era cada vez mais visível a presença de uma nuvem gigante que acumulava poeiras e receios e era a responsável pelas alterações que estavam a ocorrer. Ouvia-se, ou melhor, lia-se na comunicação social que a origem dessas poeiras invasoras era África, o norte de África que tinha concentrado nessa nuvem partículas resultantes de tempestades de areia tendo sido estas trazidas pela correnteza dos ventos.

Tudo levava a crer que aquele ia ser um carnaval triste na Terceira. Apesar da festa para os olhos que eram os trajes coloridos e afoitos dos participantes e era só ver nos ensaios o requebro das danças ao ritmo das músicas, a promessa engenhosa daqueles enredos, mas onde já se viu uma dança de carnaval onde as pessoas fossem monos de voz ausentada? E iriam durar por quanto tempo as malfadadas poeiras, quando se afastaria a nuvem, perguntavam-se todos, aqui se incluindo os humanos e os outros seres vivos que também sofriam com a privação da voz e por isso ninguém se espantava de ver um gato arreganhar-se todo ao pisarem-lhe a cauda sem contudo se lhe ouvir o menor som. Os cães também estavam remetidos a um silêncio, uma ausência que confrangia, isto para já não falar do cantar dos galos, do cacarejar das galinhas, dos canários em suas gaiolas, dos vitelinhos nos pastos, todos parecendo ter sido contagiados pela estranheza de qualquer coisa muito próxima da loucura, tendo por isso mesmo comportamentos de total desorientação.

Quando nos libertamos disto? Só pode ser uma praga.

Não faltou quem visse nestas poeiras o castigo divino pelos muitos pecados cometidos e a cometer, sobretudo a cometer no carnaval que se avizinhava e, como tal, as igrejas tornaram-se o sítio escolhido por alguns para abrandar a ira de Deus através da penitência e da oração. Como a TV virara mera leitura de cassetes sendo as notícias todas transmitidas por escrito, foi assim que se soube que a única salvação só poderia vir da força da chuva ou dos ventos fortes que afastassem para bem longe do céu dos Açores as ditas poeiras. Mas não havendo sinais nem de uma coisa nem de outra, elas iam aumentando dia após dia. A ciência em sua iluminação fez questão de se rebelar contra a propalada ideia de que tudo o que se estava a passar podia caber num castigo proibitivo com o nome de praga e depois de laboriosas análises pôde dizer com precisão tratar-se de aerossóis em cuja composição entrava magnésio e sílica, a última sendo de alta perigosidade para os seres vivos que de momento a estavam a respirar, daí o sentirem-lhes os efeitos. Nada afazer, só mesmo aguardar os tais ventos fortes, as tais chuvas torrenciais.

Foi quando alguém se lembrou das máscaras de proteção adquiridas aquando das erupções vulcânicas do Vulcão da Serreta e que não estavam a ter uso nenhum. Foi-se por elas e distribuíram-nas à população que passou a usá-las como medida protetora, não fosse algum outro órgão ser afetado pela toxidade daquelas poeiras. Escusado será dizer que naquele ano o carnaval da Terceira esteve à beira do quase malogro total sem nada nem ninguém que o pudesse salvar. Entretanto, o que se via todos os dias era o aparato grotesco de uma multidão de pessoas usando máscaras todas iguais, assemelhando-se a extraterrestres que ali tivessem aportado no cumprimento de alguma missão secreta.

8

Retomado o ritmo normal da vida, a Ilha Terceira resvalou quase sem se dar por isso para o ritmo do enconchamento. Eram períodos certos e sabidos que se encaixavam num calendário especificamente açoriano.

Levantava-se uma pessoa sem vontade de se levantar e com a impressão de as manhãs partilharem a mesma relutância. Eram umas manhãs baças, bisonhas, não havendo maneira de se estancar os rios da tristeza e da quietude, muito propícias ao desenvolvimento do bolor. Ele crescia, crescia dentro de cada um como cogumelos inofensivos a boiar no silêncio e ninguém podia resistir àquele destino de concha. O tempo ia pingando dentro e fora de cada um de modo a confundir-se com os grossos pingos da chuva numa cadência dormiente e entorpecedora. Podia vender-se tédio aos quilos, só que ninguém se propunha aquela compra, tendo-o já em excesso dentro e fora de si.

Os xailes e os lenços pretos com que as velhas se embiocavam condiziam à maravilha com a sensação de se estar só na Ilha, cada vez mais só, e o resto mundo a existir, não interessava de tão estranho e tão remoto, pois que ao centro da concha que cada um era, apenas chegava o coro de lamentações dos velhos que em sua decrepitude sentiam o ranger dos ossos e do reumatismo, o engelhar da pele e das articulações, sendo que de noite não dormiam por causa das dores e o único lenitivo que tinham era o acompanhar a fantasia das aranhas em suas teias e o do bolor em seus cogumelos.



9

É certo que os ventos eram muito fortes com rajadas elevadas, o mar se apresentava cavado, revoltíssimo, o nevoeiro era cerrado e baixo e a luz cada vez mais baixa e morrinhenta, mas a vida tinha de prosseguir. Pelo menos foi o que Filipe disse quando alguém lhe chamou a atenção para o facto de aquelas não serem as condições ideais para se viajar, mesmo sendo a viagem de curta duração. Vocês, açorianos, deixam-se afetar muito pelo tempo, acrescentou ainda.



10.

Onde estás tu Sebastiana. Há interrogações carregadas de todo o frio do mundo, por isso irá Sebastiana levantar-se em busca de um agasalho que lhe afugente o súbito arrepio de um súbito frio para só depois voltar a sentar-se. Mas senta-se tolhida, paralisada, uma incomodidade intrusa, um vazio atormentado a criar raízes na ausência de Filipe como se o eco daquela interrogação pudesse ter-lhe chegado e lhe minasse a naturalidade dos atos, ou seja, a correção das fichas que tem entre mãos. O que ela não sabe ainda é que Onde estás tu Sebastiana pertence àquele tipo de interrogações cujo destino é morrer logo à nascença, um destino trémulo de incredulidade e que, apesar de se querer vivo até ao último dos momentos, mesmo assim rola para a evidência espavorida e sem fundo, apenas pressentida por Sebastiana em inexplicável frio e em inexplicável medo.

A mulher-a-dias aparecerá pouco depois no cumprimento rotineiro das obrigações de mais um sábado e dirá, A senhora já sabe do desastre? Qual desastre, Serafina? Mas di-lo-á de uma forma desprendida e ausente porque ainda está sob o efeito daquele arrepio que a tolhe e paralisa e em escassa disposição de

partilha mexeriqueira. Ora, minha senhora, então o avião da SATA, o que foi pra as ilhas de baixo. Aí fulminou-se Sebastiana como se em choque de invisível voltagem. E soube tudo, teve uma certeza forjada ali mesmo de que o pior tinha acontecido a Filipe sem precisar dos detalhes de Serafina ou das notícias de espalhafato da comunicação social. Dali em diante a manhã escureceu toda em inexorabilidade cega e o que era uma vulgar manhã de dezembro deixou de o ser, mingando a Sebastiana forças para uma qualquer forma de vida normal, como era a correção de fichas, por lhe faltar a luz para os olhos e a seiva para os pulsos, caindo-lhe por isso a caneta, desamparada, e com ela a vontade de viver.



11.

Os últimos dias de avó Eulália foram cheios de grandes predições acerca do futuro. Apesar de quase cega continuava a fiar a lã na roca e no fuso com eles se identificando na idade e na sabedoria, pois que os fios de lã lhe saíam finos e bem torneados e as predições se iam concretizando aos olhos de todos.

Era durante o dia que avó Eulália se desdobrava em premonição iluminada de factos vindouros enquanto ia dobando a lã que de cardada passava a fio. Dir-se-ia que era esta lã a alimentar-lhe a animação e a iluminação daquilo que mais ninguém via, por isso todos se esforçando para que ela nunca lhe faltasse apesar

de naquela altura já escassear a mão-de-obra para a tosquia das ovelhas e demais operações até ser lã apresentável, capaz de passar pelos dedos experimentados de avó Eulália que por mais de uma vez a tinha recusado: Mas isto não é lã que preste, que é que vocês me deram para as mãos, eu não fio isto, ou: Esta lã não foi cardada, vocês andam todos a fazer pouco de mim. Tinha então que se arranjar lã devidamente tratada com o propósito exclusivo de entretenimento de avó Eulália, pois ela facilmente podia passar sem comida ou quase a pretexto da falta de dentes, o mesmo não se dizendo da falta de lã.

Um dia ouviram-na perguntar ao único filho macho que ainda vivia com ela lá em casa se a Brígida já tinha parido como se esperava por aqueles dias. Quando o filho lhe disse que não, adiantou-lhe o aviso sério, Pois está por pouco e quando tal acontecer, não estranhes se a bezerrinha for de quatro cores e não de duas como é costume. Trocaram irmão e irmã um lampejo de entendimento e não houve mais novidade naquela noite. Houve-a sim, no dia seguinte quando de facto nasceu a tal bezerrinha com as cores por ela anunciadas. Precisamos é que a mãe nos diga quando devemos comprar um bilhete premiado para nos sair a sorte grande, diz-lhe a filha, mas tia Eulália não a ouve, e não foi por ela não lhe ter não falado em voz bem alta, dando-se antes o caso de se sentir aturdida pela muita luz que ameaçava cegá-la também em seu interior. Se o quisesse traduzir em palavras não saberia, apenas poderia explicar que ultimamente era tamanho o turbilhão de impressões a girar-lhe em hélice doida que via o mundo todo respingado por elas.



12.

Com a ocorrência deste sismo na Terceira, continuei eu a minha obscura existência de futura ilha, Ilha Décima como vieram a chamar-me, embora todos saibamos da relatividade dos nomes, é só lembrar-nos daquele que hoje batiza o arquipélago, restando-nos ter em conta que a confusão entre milhafres e açores foi fruto da muita canseira de marinheiros em final de viagem.

Não se criaram à volta deste pequeno sismo alterações dignas de registo nem na Ilha nem nas pessoas, e se digo pequeno, é por estar a compará-lo com o que irá ocorrer alguns anos mais tarde também na Terceira e que ficou conhecido por Grande Sismo. Esse sim, irá trazer profundas alterações à vida de todos os dias, nesse dia apresentando a Ilha uma face, a face da normalidade até às quatro da tarde, e outra, estranha e disforme a partir dessa hora.

Quem lhe percorresse os olhos em espanto só poderia imaginar-lhe loucura, histeria, convulsão de ilha em agonia, cansaço de existência que assim ousa antecipar uma nova com tal esventramento de ruínas, tal aflição de poeira e de gentes. Por alguns meses, anos nalguns lugares, irá a Ilha Terceira apresentar o doloroso espasmo daquilo que não é esperado e acontece sob a forma de catástrofe, especialmente Angra, a nobre e heroica cidade de muitos séculos, abrirá a boca, incrédula, o passado glorioso reduzido a cinzas, exposto, sacrilegiado.

Que é da religiosidade desta gente, suas procissões de aparato, sua devoção ao Espírito Santo, seu total abandono à onnipotência divina, de que lhe serviu ela, onde se refugiou Deus, para onde terá ido se também o expulsaram de sua casa, se também as igrejas ruíram em espalhafato, não há ajuda possível, que Deus, que deuses lhes poderão valer, assim se interrogando todos no mais fundo de si, e assim ricocheteava em mim o eco dessa aflição, nada mais lhes restando senão o terem-se a si próprios e não saberem o que fazer de suas vidas, talvez sair da Ilha, talvez.





13. PETRA (JORDÂNIA)

Em Petra
esquecemos que somos mortais
Nos desfiladeiros de Petra
somos apenas
a primeira Mulher ou o primeiro Homem
no início da criação
Tudo é novo irreal
suspense no Tempo e no Espaço
Aqui têm morada
os primórdios daquilo que era
antes de ser
e o sopro de Deus
cobre-nos como bênção de séculos

eloquente e grandiosa

O ruído se o há
é exterior a nós
não nos toca
quase nos deixamos atropelar
pelas charretes cavalos e camelos
com que cruzamos
tão para-além-de-nós
tão ligados à Imensidão e ao Encantamento
do lugar
tão diluídos em Luz e em Beleza
nos sentimos

Em Petra
vive-se a aventura contínua
do milagre
a desdobrar-se noutros milagres
Mundos escondidos indevassados
nimbados de Nostalgia e de Espanto
nascem das ruínas e do Nada

E nós
esquecidos de quem somos
esquecidos da guerra e da doença
esquecidos de todos os humanos males
prossequimos
ínfimos e atordoados
alheios ao calor e ao cansaço
prossequimos
guiados
pelo tal sopro de Deus

Em Petra
esquecemos que somos mortais

14.

Os livros são estranhos. Dá-lhes uma pessoa o que tem e o que não tem, esfalfa-se-lhes para lhes criar um rosto, uma voz, rasgar-lhes caminhos próprios e quando se alcança o almejado fim apercebe-se, desprevenida, que escapam ao nosso controlo. Estão ali vivos na nossa frente nós a ouvi-los respirar e a esbarrar com a resistência deles.

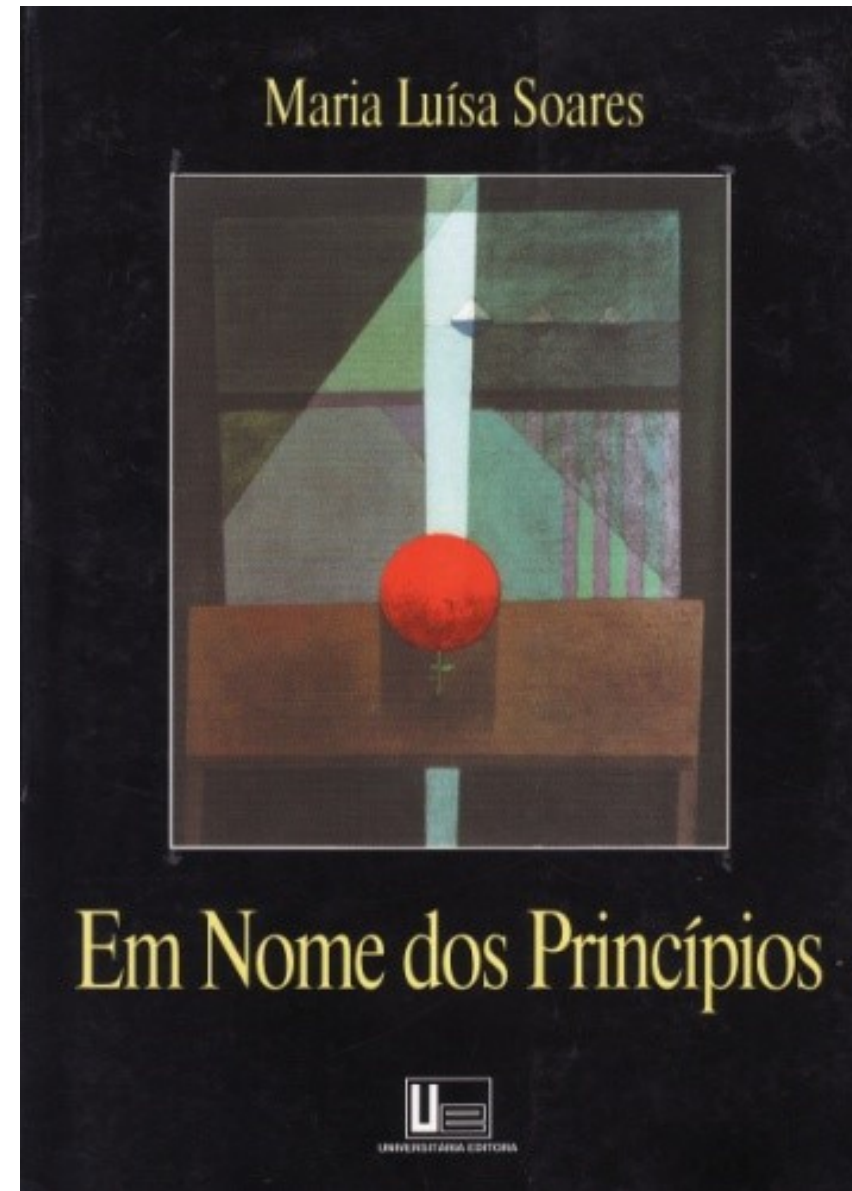
Alto aí, que é que pensas que vais fazer, desculpa mas não podes escrever-me assim, isso vai contra a minha lógica interna, as minhas regras, o meu ritmo. Tens de compreender que agora se inverteram os papéis, estou apenas a usar-te para que possa finalmente cumprir-me.

Não devias talvez ter-me começado se não tinhas consciência do destino que me espera e te espera. Mas se te serve de consolo, quero que saibas que foi bom arrancares-me do limbo de onde vim, dares-me aos poucos contornos precisos, corpo, pernas para andar.

Lá que são estranhos são, os livros. Quase malévolos e implacáveis na sua condição de nascituros autossuficientes. Mas ponto final no calvário que foram estes últimos dias.

Acabaram-se as emendas, o riscar arrasador de parágrafos, as anotações nas margens, o filtrar páginas inteiras no crivo de uma ansiedade insatisfeita. Para o bem ou para o mal, já foi feita a última revisão de provas do livro que acabei de escrever. Bato as pálpebras da minha recém-conquistada paz.

Nós, escritores, pertencemos a uma fauna desgraçada. Não acredito que músicos, escultores, pintores, arquitetos sejam confrontados com a mesma desorientação atormentada. A perplexidade, o interrogativo desconforto sobre a qualidade de um longo texto a que acabámos de pôr o último ponto final.



15.

O mar. Emudece uma pessoa em palavras e em vida própria por causa dele. Numa ilha é ele o centro originário de cada dia., é ele que dita as leis com que todos se cobrem. Não há quem lhe ignore o despotismo e o poder por causa da solidão que dele emana. Que ninguém lhe estranhe descomportamentos em relação ao calendário e às promessas anunciadas pela natureza. O mar continuará num ritmo e tempo só dele a enredar-se na lentidão de redemoinhosos vagares, as pessoas vivendo e falando de forma arrastada sem ousar resistir aos tentáculos da nostalgia. De que mal sofrerá o mar? perguntarão os que são apanhados por estes tentáculos, obrigando-se a uma pausa e ao escrutínio direto das águas. Não se podendo dizer que esta fosse uma interrogação de abrangência coletiva, incluía ela apenas os naturais da Ilha e seus vizinhos, já que os americanos que ocupavam a base das Lajes não se davam a tal trabalho, pois que não lhe conhecendo os efeitos não lhe imputavam responsabilidades.

De que mal sofrerá o mar não parecia, pois, ser pergunta que alguma vez tivesse sido feita pelos americanos ao mar da Terceira. O que talvez não fosse de espantar, vivendo eles como viviam em órbita à parte, sob a proteção do escudo brilhante da prosperidade de onde ditavam as suas leis e se bastavam a si próprios sem terem de se submeter às leis de nenhum outro deus, mesmo que esse deus fosse o mar açoriano.

Passeavam a sua ingenuidade rosada em grandes carros de uma grandiosidade luzidia, assentando-lhes como uma luva a displicência com que traziam a farda que em certos dias alternavam com a curiosidade de espalharem por todos os recantos da Ilha os muitos Oh, Ye oh ye, Okay okay, em interrupta mastigação da pastilha elástica que às vezes também gostavam de partilhar com as crianças. Gama, era como se chamava a esta pastilha elástica, aportuguesamento da americaníssima expressão CHEWING GUM A era da gama viveu-se na Terceira sob o patrocínio dos americanos da base que, Deus os guarde, institucionalizaram tal hábito. Era uma softeza de movimentos bucais, um ritmo vicioso e imparável a que não sabiam resistir principalmente as crianças, as iniciadas. Nesse tempo, irão por isso algumas delas subtrair aos pais algumas moedas para poderem comprar as ditas, tudo às escondidas que os tempos não eram de larguezas, larguezas mesmo só para os americanos que até quando emigravam da sua terra viviam como reis na terra dos outros. E podiam distribuir à vontade os brinquedos e os chocolates que todos os Natais faziam sonhar as crianças a viver do reflexo de assombro das pratas que os embrulhavam e que elas guardavam depois religiosamente entre as páginas de algum livro ou aproveitavam para confeccionar as bolas com que se alindava a árvore de Natal.

Pessoas detentoras de tais benesses, capazes de iluminar assim o pequeno mundo açoriano era de supor que não se deviam dar ao trabalho de formular perguntas tipo De que mal sofrerá o mar, está mais que visto.

Dava a impressão de pairarem muito acima destas metafísicas caseiras, trazendo a alma satisfeita e em paz. Depois havia ainda a barriguinha a merecer-lhes muitos e variados desvelos. Nas longas tardes de verão ou à noite quando os dias eram curtos, era vê-los pelos restaurantes da Praia e alguns de Angra em grupos animados, às vezes já em cozimento de bebedeira, em alegres comezainas de repastos infundáveis.

Que metafísica poderia resistir a semelhante euforia gustativa, diremos nós amplamente compreensivos e esclarecidos, que metafísica resistiria àquela variedade de vinhos e de paladares? Uma

pessoa só de os ver em tais transe ficava com a alma mais leve e sem vontade nenhuma para qualquer tipo de interrogações.

16.

Em certos dias as trepidações da Terceira deixavam de se ouvir. Era quando a Ilha acordava liberta e luminosa, toda rasgada para o azul das águas como se nunca a tivessem cavalgado nem ventos nem temporais. Nesses dias esbatiam-se como que por milagre sufocos de presságios, salgadas melancolias, tudo se distendendo na calma paz de existir. Nada mais contava para além da espraiação da vista e do respirar até ao fundo, bem ao fundo ao centro da preguiça redentora. Podia então avistar-se, diante da montanha do Pico, o grande animal preguiçoso que é S. Jorge, estendido ao comprido no mar sem a mínima vontade de despertar daquela sonolência regalada. Armazenava carradas e carradas de sol e de azul, era isso que ele fazia assim quieto, assim parado, assim a dar sentido ao enlanguescimento de quem o olhasse em prolongamento de deslumbração.

Já o Pico era mais direto, mais real, de azul menos esbatido e prometia assombrações de descoberta a quem lhe aceitasse o apelo. Subir, abraçar hossanas de altura, vertigens, encandeamentos. Fugir ao enclausuramento, ganhar leveza, ah em dias de céu rasgado como isso era possível, quem lhe pesa ainda a condição ilhéu diante de tal desafio.





17.

Nunca ouviram falar das orgias noturnas dos cagarros?

No verão, quando as noites se tornam impossíveis em sufoco a irreverência dos seus concertos explode em sons roucos e bêbados de mar e é como se lá de cima polvilhassem tudo com o pó branco da mistificação. É então que por trás do meu subterfúgio de ilha escondida posso perfeitamente dar-vos conta do entorpecimento e da hipnose que se abate sobre todos.

Um estremecimento de coisa por definir contagia os animais, o mar, as pedras e empresta à lua a fantástica aparência de outra galáxia. É também quando as pessoas se sentem conjuradas a debruçar-se no parapeito das suas noites e abraçam distâncias de águas paradas e de barcos ancorados, por muito tempo ali permanecendo em velas de consumir e de arder pela noite dentro em secretas esperanças, secretas viagens. A mistificação é tão completa, tão perfeita que o destino de ilha-redoma deixa de ser maldição, não pesa,

nunca existiu, quem lhe conhece as agruras. Rasgar caminhos na noite e perder-se neles em estreita cumplicidade com o desvario dos cagarros, é tudo quanto conta.

Mais tarde caía eu em mim e perguntava-me se o envolvimento amoroso daqueles pássaros justificaria tamanha algazarra, tamanho bulir com as coisas e com as pessoas. Era um assunto para o qual ainda não tinha resposta. Disto me lembro eu agora, ilha que sou, naquele tempo ainda vulcão escondido e ignorante. E lembro-me igualmente do meu espanto quando, depois do Grande Sismo, os cagarros deixaram de se ouvir, nem um único som rouco ou louco por uma única ilha ou ilhéu. Vítimas de mal desconhecido, praga ou vírus trazido pelo sismo? perplexava-me eu. E no entanto bem sabia que continuavam vivos ao lado dos garajaus e das gaivotas, lá nos ilhéus da sua predileção. Alastravam em grandes manchas, mansos e parados a cobrirem os baixios dos ilhéus, como que irmanados na tragédia ali sepultada por via do afundamento de frotas antigas. Então compreendi. O pasmo e o abalo tinham sido de tal ordem que lhes morrera a disposição festiva para o amor. Não tinham mais nenhum sentido os rituais de núpcias, os desvarios noturnos, as frenéticas orgias.

Se bem ouvi dizer, foi um jovem casal de cagarros quem ousou quebrar aquele luto triste e contranatura dos cagarros. Uma noite, sem se saber como nem porquê, a voz soltou-se-lhes lá das alturas em escândalo e profanação ao recolhimento cá de baixo. E toda a comunidade de cagarros sentiu então o primeiro arrepio do despertar e estremeceu em suas plumagens e em suas memórias, finalmente libertos daquela tristeza de mortos-vivos.

18.

Já se tinha esquecido Jesualda do quão poderia ser irritante e proibitiva a linha que unia o céu e o mar e de como uma pessoa se podia sentir prisioneira dentro dela. Por mais que percorresse o interior da Ilha, e era nisso que ultimamente ocupava os dias, nada lhe fazia calar o apelo que vinha até ela do exterior. Sem dúvida que lhe pesava o fim de Lucinda, mas não era isso que lhe provocava as ânsias com que certos dias acordava e se punha a olhar o mar sem nenhuma vontade de desviar a vista, ainda em desresposta quanto à interrogação que trazia colada à pele, De que mal sofrerá ele? Ninguém pode alimentar-se só de mar e do círculo invisível que ele cria. Quem não lhe resiste passa a emanar uma aura marinha, uma aura que faz das pessoas umas predestinadas para a

Contemplação, depressa começando a evidenciar sinais evidentes de sugação. Ai delas, só outra força com igual poder de atração poderá recuperá-las de novo e interessá-las pelo crescimento dos filhos, o riso das touradas, a obrigação inglória do trabalho, o retoíço das marchas. Tudo isto Jesualda sabia e se dizia sabendo-o, pronta para partir, porém sem a necessária vontade de se sonegar àquele mar e ao ecoar dele dentro de si,



19.

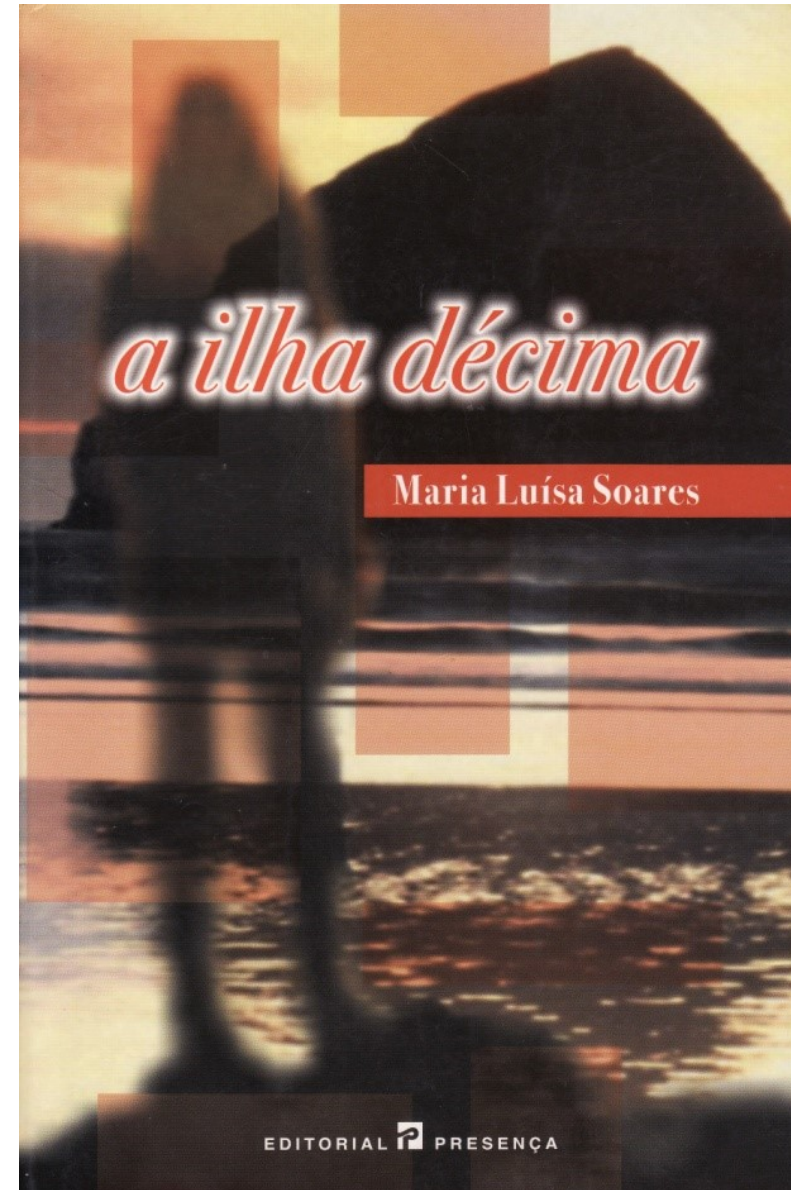
A Lisboa de agora é um imenso sorvedouro onde as pessoas se movem na iminência de serem absorvidas pelo turbilhão impiedoso que lhes dita os hábitos, as normas, as necessidades. Tão caótica, tão inocentemente dispar aos olhos de todos. Apesar de tudo, permanece com aquele halo único que faz dela um lugar especial. Tão fácil ao tato e tão próxima ao sentir esta vibração nova, esta urgência cúmplice por onde lateja a vida e os destinos cruzados de toda esta gente — chinesa, negra, indiana, mulata, europeia, aqui desaguada, vinda de todas as esquinas do mundo E quando deambulo pela memória de outras cidades estrangeiras — Florença, Havana, Paris, Istambul — acabo por, invariavelmente, desembocar nesta. Cidade curtida pelo viver milenar de gentes, Lisboa é e será sempre a guardiã subtil e dissimulada de uma obscura parte de mim, aquela que sempre vai comigo quando me desloco para outros sítios. Sinto-me pulsar e viver aqui, mesmo quando ausente. Por isso, a rapidez exaltante e fácil com que a redescubro e me redescubro.



20.

O destino de uma ilha é estar mesmo parada no mar por todos os séculos que o tempo comporta. Um destino de espera e de bocejo bem conhecido daqueles que a habitam. Ou dos que lhe estão ao lado como eu. Um milagre a acontecer, seria quando se descosesse a obstinação que junta mar e céu numa linha de limitação sumária. Aí talvez, sim, é possível que alguma coisa explodisse em aconteceres, a novidade do nunca visto surgisse e a vida de cada habitante se alterasse em bravia mudança.

Que ninguém se espante por eu rochedo que sou, falar assim, eu que de humano não tenho nada, apenas a capacidade de lhes interpretar o sentir como se meu fosse. E mais declaro para vosso muito espanto: acabo de descobrir que já me morreu ressequido o anseio de ser ilha. Posso dizer-vos que este é um sentir não apenas aflorado em superfícies pouco fundas da minha pele de rocha, uma rugosidade de muitos séculos embora. Não. É do mais fundo de mim, sou eu todo nimbado de uma luz nova, se quiserem, uma revolta acesa contra destino tão ingrato, pois que maior ingratidão pode haver em albergar seres humanos que não são felizes nem nunca hão de vir a sê-lo. Não quero arcar com responsabilidades tamanhas. Melhor será continuar Ilhéu das Cabras, alternar a insignificância e o poético com que me olham de longe e em dias de tédio maior vêm visitar-me. Ser ilha? Não, obrigado. Gosto deste convívio de pureza feito que os peixes, os pássaros e as cabras tecem à minha volta. A eles não os tortura a tal obstinação do céu e do mar, aquela união forçada e obrigatória a proibir outros mundos e outras vidas. São felizes assim. Felizes e sábios. Assim sendo, meus amigos, haveis de concordar que esta minha renúncia está mais que justificada. Sou e continuarei a ser o Ilhéu das Cabras, plenamente assumido em destino e em satisfação.



21.

Não havia memória de se ver a Ilha sobrevoada por tanto passaredo. Tudo teve início quando começou a ser quase impossível suportar o barulho e a presença dos aviões americanos que se dirigiam à base das Lajes em fluxo imparável.

A Ilha acordava do seu sossego de séculos e ricocheteava em todas as direções aqueles ecos de guerra, provocando nos seus habitantes um arrepio de desconforto e temor, um agoiro que só um exorcismo vindo do céu poderia salvá-los.

Mas as nuvens assistiam altas e impávidas e deixavam-se atravessar de lado a lado sem que o nevoeiro intervisse com algum malogro ou malefício que se visse. Parecia que também ele tinha soçobrado no pasmo e no susto e nos poucos dias em que se manifestava era para apertar ainda mais o cerco de asfixia que pairava sobre todos, por isso viviam as pessoas encolhidas e temerosas, incapazes de se entregar ao habitual prazer de viver.

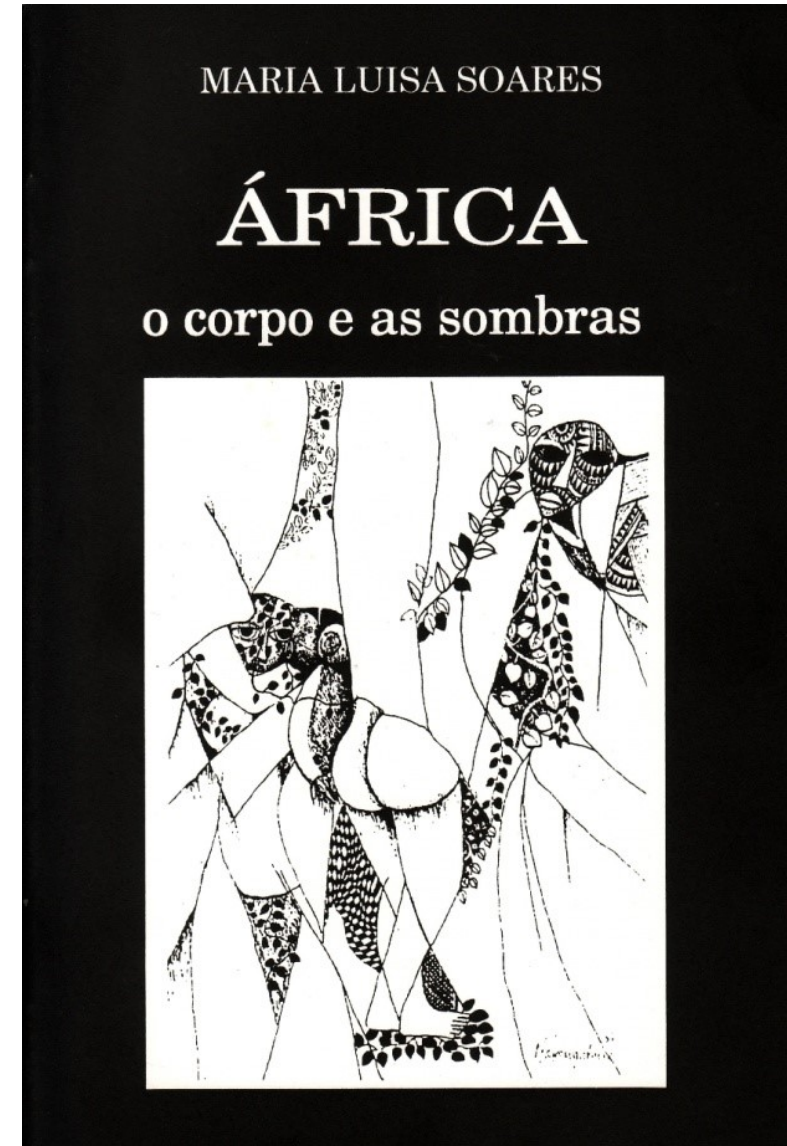
As caçadas aos coelhos ou as idas noturnas à pesca nos lugares mais prazerosos da Ilha estavam proibidas, ninguém se atrevendo, os próprios bichos tinham estertores de susto e colavam-se ao fundo das suas tocas e dos seus esconderijos não fosse aquela barulheira fulminá-los.

Quanto aos humanos, o receio era a dobrar dado que eram vulneráveis não só ao barulho dos aviões como ainda aos inesperados encontros de americanos armados da cabeça aos pés a cegarem nos com a súbita luz das lanternas e a súbita ordem de se identificarem, vendo-se os pobres confundidos na sua terra com um provável talibã ou terrorista que tivesse escolhido aquela Ilha de Jesus Cristo para desfeitear os americanos.

Diz quem sabe, que do Ilhéu das Cabras saíram aos milhares pássaros em revoada cujo intento não era já apaziguar as pessoas mas sim atemorizar os aviões norte americanos e desviá-los para outros céus, entendendo o céu açoriano e os pássaros com ele, já ser mais que tempo de dividir com Lisboa tamanho incómodo e tamanho perigo.

Sim, que vão para o Continente, que vão, nós aqui estamos fartos, esta base das Lajes dá-nos mais prejuízo que ganho. E viu-se as pessoas organizarem-se num desfile gigantesco pelas ruas das cidades da Praia da Vitória e de Angra do Heroísmo, uma manifestação que a polícia estimou em cerca de quatro mil pessoas.

Traziam dísticos e cartazes, dezenas deles a dizerem NÃO TOQUEM NO NOSSO CÉU, NÃO AOS AVIÕES BARULHENTOS QUEREMOS VIVER EM PAZ, estes e outros protestos em clara sintonia com a passarada, todos sentindo como excessivo o peso das vitórias e dos heroísmos do passado e principalmente o peso da posição estratégica que ocupavam a meio do Atlântico, por causa dela Portugal se projetando em importância aos olhos do mundo, os Açores porém, permanecendo aquém dessa importância e agora vendo-se em sérios apuros. Não toquem no nosso céu, Que vão para o Continente. Que vão, que vão





22.

Cimeira foi palavra que voltou a andar de novo na boca dos terceirenses alargando-se-lhes assim o vocabulário e o destino para mais uma. Aquela tinha a marcação do acontecer na antiga Junta Geral, a política internacional unânime em reconhecer a Terceira lugar de eleição na resolução de problemas intrincados, lembremo-nos de Nixon e Pompidou e do encontro que lá tiveram em 1971. Não era todos os dias que os terceirenses podiam gabar-se de lhes cair em cima tamanho rebuliço e tamanha excitação. Havia que a aproveitar. Agora tocava-lhes a eles. Agora tinham o privilégio de viver o rebuliço deles, os outros sendo desta

vez meros espetadores. Gente de várias raças, oriunda de diversas partes do mundo invadia-lhes a cidade e os arredores, esgotava-lhes a capacidade hoteleira, os voos, os carros de aluguer, impossível detê-los mesmo que o quisessem. E eles não queriam encontrando-se cada vez mais atordoados e enrolados pela História. Que se acomodasse o batalhão de jornalistas mais suas muitas mochilas carregadas de maquinetas. E a centena de elementos do FBI que fizesse o seu trabalho, os seguranças da Casa Branca que vasculhassem milímetro a milímetro todo o espaço que lhes parecesse suspeito, que ficasse de prevenção o hospital de Angra, os serviços de cuidados intensivos, a cirurgia e a anestesia em alerta permanente. Era, senhores, a História a cumprir-se em mais um dos seus capítulos. Deixá-la cumprir-se.

23.

Naquela noite por uma razão ou por outra, todos os terceirenses dormiram mal. Uma intranquilidade miúda, um desassossego que lhes vinha de parte incerta do corpo e do espírito, a fazer com que as casa se tornassem lugares inóspitos e indesejáveis. Aconteceu ver bebés de tenra idade apanhados no mesmo desassossego, estes acrescentando o ruído do choro ou do gemer ao torvelinho dos braços e das pernas gorando-se todas as pacientes tentativas para os aquietar, tamanha aflição a parecer excessiva em seres tão pequenos. Houve quem no auge dele, impaciente, renunciasse de vez ao conforto das camas e atirando com as cobertas para bem longe, viesse cá para fora sumariamente vestido, ninguém se espantando por encontrar outros nas mesmas condições, o espanto ia sim para o fumo esbranquiçado que saía da antiga Junta Geral, uma espécie de aura que tinha nascido ali de um dia para o outro. Depois foi o insólito de ver as vacas abandonar as pastagens e a ruminação da erva e aparecerem na via pública em grupos lentos de passeio como que convocados pelo óbvio de alguma necessidade invisível, enquanto lá por cima todos podiam ouvir o esganiçamento dos melros pretos, escarninho e rouco: Parvoíces, Parvoíces. O hospital de Angra, mantido em prevenção por causa daquela Cimeira, ia recebendo os seus naturais, gente que até nem fora tida nem havida para a realização dela, mas como se via a sofrer-lhe os efeitos.

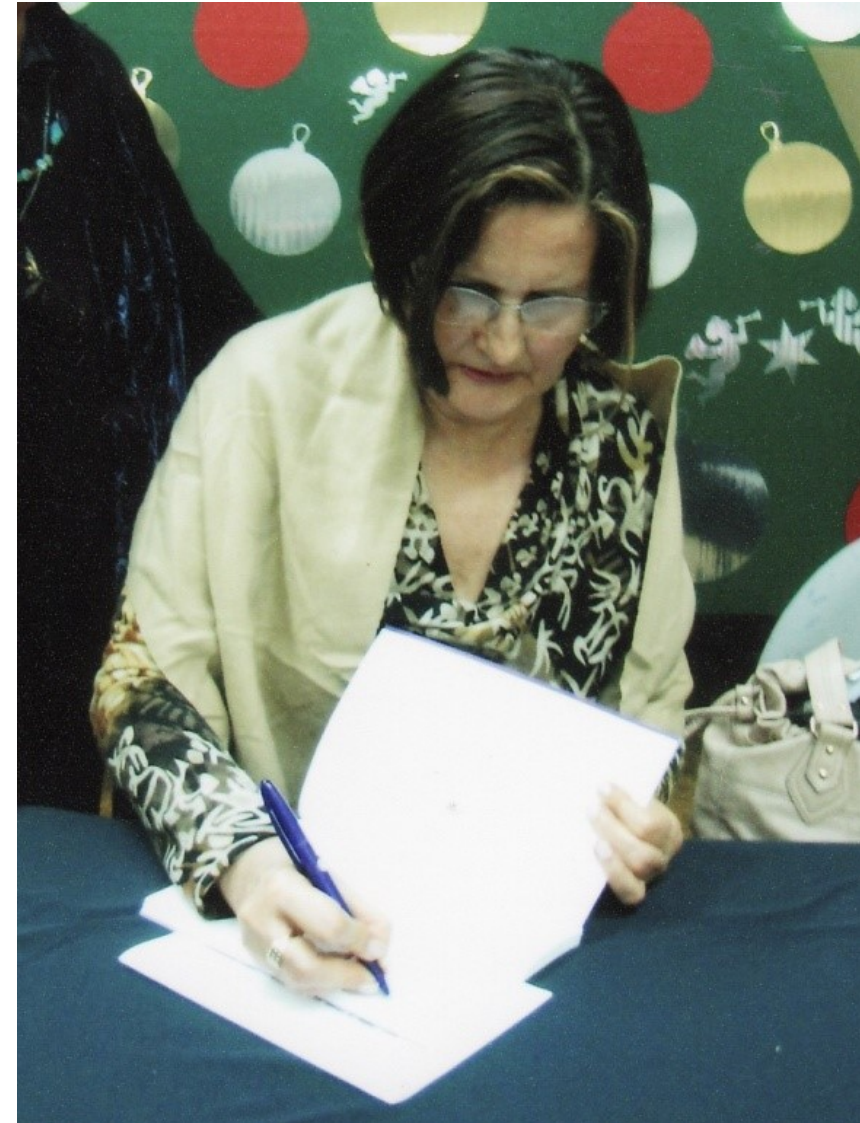
Houve quem dissesse que o ar que se respirava seria o responsável, contaminado que estava minuto a minuto pelo tal fumo esbranquiçado. Sim, era ele o responsável. Então quando já se via o atordoamento consternado a submergir a História e a Deslumbração, começou a sentir-se o cheiro inequívoco do enxofre. A princípio muito ténue e a suscitar dúvidas, depois denso de irrespirabilidades e de sufocos. Era mais um que aí vinha com toda a certeza O grande sinal veio então dos pássaros. Toda a passarada que partilhava aquietada o atordoamento consternado dos habitantes da Ilha, surgiu de repente como do nada e, em alvoroço e bater de asas, dirigiu-se para o Ilhéu das Cabras. E os humanos começaram então a imitá-la, parecendo que também eles tinham asas na busca de barcos que os levassem para o alto mar, longe da calamidade que o cheiro a enxofre anunciava.

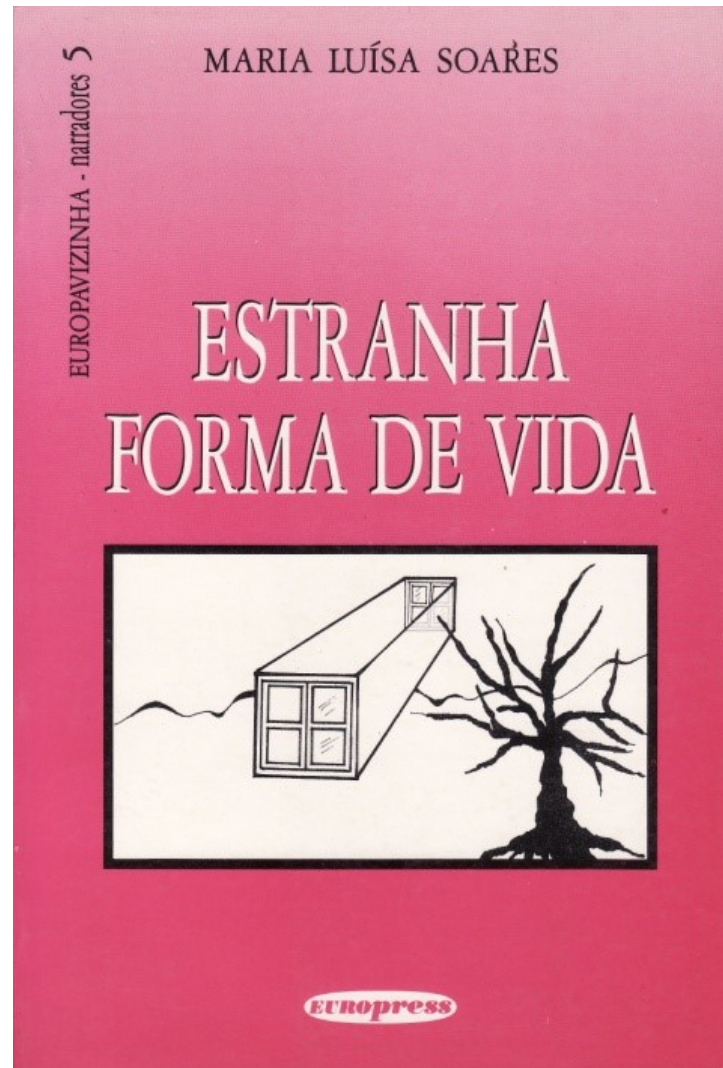
24.

O primeiro tremor de terra, não sendo sentido por quase ninguém, não causou perturbação, pelo menos entre os altos dignatários da Cimeira que continuaram na cegueira da ignorância. Porém o segundo, já foi sentido por mais gente. E precisamente quando ia iniciar-se a ronda das três assinaturas a selar o compromisso dos senhores do Poder, ninguém pôde ignorar o terceiro. A convulsão e o desequilíbrio causaram um impacto de tal ordem que a caneta acompanhou o estrondo e resvalou para fora do alcance de qualquer mão, ao mesmo tempo que os cães de segurança irrompiam no Salão Nobre e se punham a ladrar irados de susto contra a ameaça daquele perigo invisível que tinham por obrigação enfrentar. O que lhes valeu foi o instinto muito animal e muito de sobrevivência que de imediato os fez abandonar o recinto e arrastar com eles os chefes de Estado, estes já sem a mínima pose de estado, nem tal seria de esperar sendo a sobrevivência deles a estar em causa. Outro atentado, Como teriam os árabes conseguido infiltrar-se? estes os pensamentos a cirandar-lhes as mentes. Mal acreditando no que lhes estava a acontecer, viram de longe o buraco que se abriu mesmo no lugar onde se encontrava a grande mesa à volta da qual se encontravam sentados segundos antes. E cresceu-lhes uma grande ira contra a segurança que tinham. A inoperância dela e os perigos a que se expunham. Quem diria que até numa ilhota destas! E que será feito da tão apregoada hospitalidade açoriana?

25.

Antes do Grande Sismo, arreganhavam-se as nove ilhas num grande ponto de bocejo, ninguém sentindo a falta ou a importância de certas coisas. Talvez o amor fosse a misteriosa exceção à regra, pois que, apesar dos tabus e das hipocrisias, ele ia brotando mesmo ressentindo-se destes e de outros males. Quanto ao resto, preenchia-se o ciclo da existência quase só com o comer e o dormir, rezando-se também por conveniência e necessidade, a mesma conveniência que aceitava o arrastado conformismo político. Parecia que qualquer audácia em transpor a barreira destas necessidades mais óbvias, chocava de imediato com o círculo apertado de mar e de distância, aquela distância tantas vezes corporizada em nevoeiro cerrado, nervos à flor da pele, indolência dos sentidos, obscurantismo conformado.





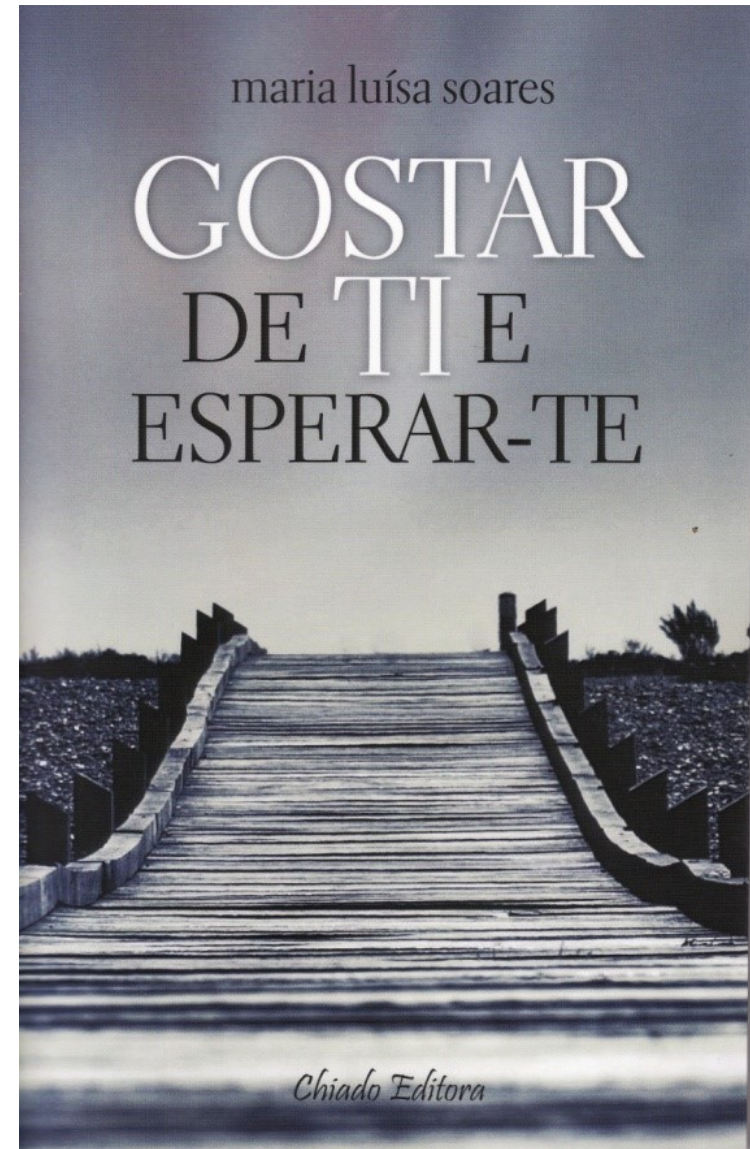
26.

Eu, Ilhéu das Cabras, encontro-me aqui em declaração de protesto, pois que o cerco de arbitrariedade com que o nevoeiro tem vindo a encharcar a Terceira, eu incluído, tem de ser denunciado aos olhos de todos. Bem sei que este protesto me vai valer mais clausuras e mais isolamento, mas a paciência de um Ilhéu tem limites. Ultimamente tenho vindo a perder o contacto com tudo e com todos só porque Sua Exc. o nevoeiro resolve rodear-me de um anel de neblina teimosa, de persistência só comparável ao agoirar de aves marinhas em dias de tempestade. Fiquei a saber da chegada de João Maria e do entusiasmo com que foi recebido. Depois, nicles. Fiquei sem saber das reais intenções dele e se essas intenções serão suficientemente fortes para serem cumpridas. Presentemente não passo de um pobre Ilhéu ignorante e desconhecedor da vontade dos humanos. Tudo por culpa deste nevoeiro de ilha que ousa arrogar-se direitos e irresponsabilidades muito para além do aceitável. Oh gentes, Ilhéu sofre. Imaginem-me só para aqui afundado em sozinhez e desfastio e limitado à visão das minhas cabras.

27.

Que é preciso para se começar a escrever uma estória, digam-me vocês. Ultimamente tenho vindo a ser cirandada por esta perplexidade interrogativa que me desassossega, me confunde, me asfixia quase. O que é preciso. O que é preciso. Como se a resposta me pudesse chegar devolvida por um eco imaginário em lufadas concêntricas e esclarecedoras. Que é preciso para se começar a escrever uma estória? Banalidades, digo-vos eu. Nada mais que banalidades, é a conclusão a que cheguei. Sim, banalidades. Pois não é a vida que nos coube a cada um de nós tecida de banalidades, recheada das coisas mais prosaicas e desprovidas de sentido? E sendo a escrita uma forma de arte que tão bem a espelha, está tudo dito. Daí que fazer o papel esperar, alimentar o suspense de ir adiando todos os dias a escrita sempre à espera de que hoje ainda não, talvez amanhã, não vale a pena, meus amigos, acabe-se com o vazio, a indecisão, e com o sofrido da espera. Um daqueles fios condutores que une e caracteriza toda a teia dos humanos no seu trajeto de vida, serve na perfeição. E há sem dúvida uma infinidade desses fios caracterizadores, ou não fossem nós de uma complexidade assustadora e o tecido humano um digno produto final. Mas quanto a mim, aquele que mais sobressai dentre todos os outros, é um que dá pelo nome de Solidão. Uma banalidade, como vos disse. Uma banalidade que se constata todos os dias, quem para o negar. A Solidão, meus amigos, existe em qualquer lugar do mundo. Em qualquer lugar do mundo pode uma pessoa Tateá-la, cheirá-la, abraçá-la, sentindo-a das mais diversas formas incluindo a de assumir em pactuação de inevitabilidade e desafio. Não é uma banalidade qualquer, convenhamos. É a Solidão. Como ela se desdobra nos mais diversos ângulos e círculos que aparamos de peito aberto por que a Solidão faz parte de nós desde que nos assumimos como seres conscientes e responsáveis. Seria desejável se não trouxesse consigo tamanho peso e tamanha angústia. Seria desejável, pensamos nós e talvez o digamos mesmo em voz alta sabendo embora ser esse o preço de existir. Conscientes também da previsibilidade destas rabugices de humanos, sempre insatisfeitos mas igualmente hábeis em minorar inexorabilidades e o peso delas. A verdade é que começamos cedo a dar provas de uma habilidade que não tem outro objetivo a não ser

o da libertação e despojamento de tal fardo. Digamos que é um processo ainda incipiente e instintivo no recém-nascido quando ele ao enfrentar a inospitalidade do mundo cá de fora se refugia na calidez do sono e do mamar. Mais tarde a fruição dos sentidos tornar-se-á mais apurada permitindo-lhe outros gozos, outros escapes. Mas o exorcismo por excelência obtê-lo-á através do Amor. Já os gregos sabiam da leveza desses instantes de fusão com a divindade. Quem para então se lembrar de soletrar a Solidão? Poderá dizer-se com verdade que outro tanto acontece quando enveredamos pelos caminhos da Espiritualidade e da Arte e nesses momentos de exaltação ou de entrega serena nos sentimos roçados em proximidade com o divino. Poder-se-á escolher livremente uma destas vias de libertação, pergunta-se. Para já, a perplexidade imediata de sentirmos aquilo de que ela é capaz, esta banalidade que apelidámos de Solidão. Como pesa na vida de cada um. O poder que ela tem. Isto dirão vocês todos sem exceção. E, estando eu plenamente de acordo, proponho que avancemos na constatação desse poder e desse sortilégio, que é o mesmo que dizer, no desbravamento dos caminhos da Solidão.



28.

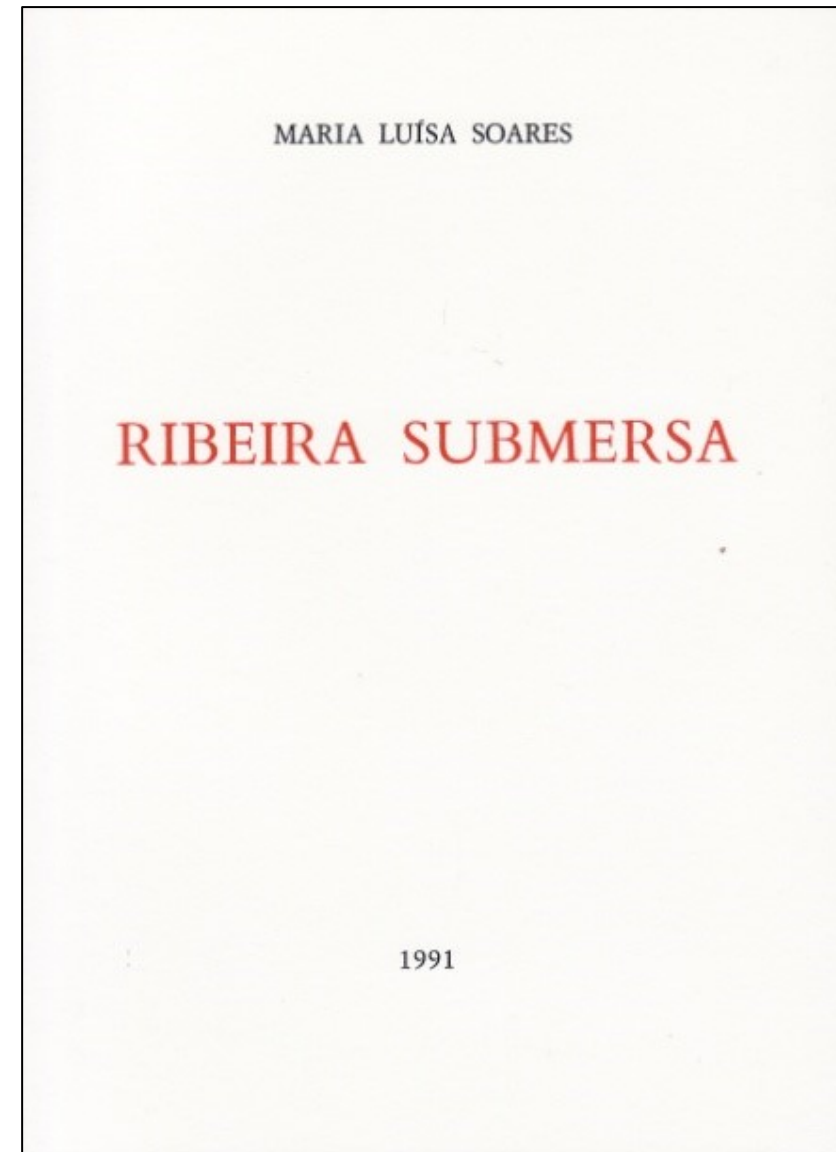
Nessa tarde de 5ª feira toda a gente se deslocou até ao anfiteatro I da Faculdade de Letras ouvir o Medeiros Ferreira, o Marçal Grilo, a Maria Pereira Coutinho, entre muitos outros. Há quantos anos. Esperava nem ela sabe bem o quê. Que o edifício tivesse mudado de lugar? Que a fachada se vestisse de outros mundos e outros símbolos? Então, sem permissões ou constrangimentos de qualquer espécie, uma caixinha muito íntima escancara-se dentro de si e, alheada e feliz, sente-se como se tivesse vinte anos e segurasse ainda o mundo na palma das mãos. Tão bom reviver a leveza das coisa acabadas de nascer. A leveza do novo que se sente atual. Pairava ela ainda suspensa e leve quando quase chocou com ele à entrada do velho e querido anfiteatro. Como tinha acontecido tantas vezes no passado, uns acasos muito intencionais da parte dele. Agora quase se inverteram os papéis, sorri com ironia. Que coisa estranha. O anfiteatro visto assim depois de tantos anos parecia muito mais pequeno, tacanho, encolhido. Estava gastinho, não apresentava o mesmo brilho de antigamente. Para tal, contribuía, com toda a certeza as ausências do padre Manuel Antunes, do Lindley Cintra e do David Mourão Ferreira.

É absurdo ficar refém de uma situação destas que não me deixa aproveitar a cem por cento um congresso com o nível deste, concentra-te, mulher, monologava Teresa quando chegou o intervalo e se levantaram. Fios do destino? Situação absurda? Há alturas na vida de uma pessoa em que sobrepondo-se ao encadeamento da lógica e até do receio e do comedimento, comanda o impulso. Sobe-nos das tripas em convulsão, lugar onde se alberga uma obscura parte de nós, o imenso poder que nos leva a fazer as coisas mais incríveis. Depois ficamos a olhar para nós como se não nos reconheçêssemos (como foste capaz?), arrependidos a maior parte das vezes, outras felizes pelo arrojo, mas sempre surpresos.

— É e espantoso como no tempo das aulas o anfiteatro parecia maior, isto é a voz dela, Teresa, em abordagem fulminante. A quem, já nós adivinhámos

— Sim? é possível, eu como venho cá muitas vezes não noto a diferença, mas é possível. É a resposta dele, aberto num sorriso que lhe mostra os dentes bem tratados e a ausência de alguns lá para o fundo da boca. Bolas. Esperava outra reação. Perscruta-lhe o rosto, os olhos principalmente. Mas não há nada de nada: nenhum sinal, nenhum reconhecimento. Nada. Sente que está a perder pé mas tenta recompor-se.

— Tinha vindo à espera de encontrar mais gente conhecida. Mas exceto você e o Medeiros Ferreira, ainda não reconheci mais ninguém. Ele mencionou três ou quatro nomes que Teresa nem se dá ao trabalho de fixar. Que lhe interessam outros nomes se ele não se desmancha, um estranho ali na sua frente a portar-se como um estranho. Para onde foi a adoração silenciosa, a timidez e o enleio de outros tempos. Sabe que não está assim tão irreconhecível. Arrependida e em crescente aflição, nem quer saber se ele está ou não a ser sincero. Até porque, compreende demasiado tarde, não serem aqueles nem o lugar nem a ocasião. Felizmente vem-lhe o auxílio inesperado das outras pessoas que começam a rodeá-lo uma após outra e, com a intimidade de comparsas da mesma estória, a interpelá-lo. Popularidade oblige. Ele vai-se deixando envolver e muito naturalmente vai centrando a sua atenção nos outros desligando-se dela, a estranha que só diz banalidades sendo ela própria uma banalidade. Que é como se sente.



29.

Não era habitual sentir-se tanto vento em Lisboa mesmo naquela altura do ano. A Lisboa de que Teresa se lembra nunca tinha sido cidade de ventanias desabridas. Antes, de frescas brisas marinhas em cruzamentos de alternância.

De sóis postos em alturas azuis e brilhantes por vezes toldadas pelos pingos da chuva ou por algum fugidio nevoeiro. Ou de névoa. Uma névoa que se levantava lá para os lados do rio e que relaxava a alma e apelava ao sonho.

Era a presença viva do mistério ali perto de nós. Não, Lisboa não era sítio onde os ventos se acoitassem. Iriam distorcer os reflexos da luz, bulir com a névoa do rio, desfigurar a quietude azul da abóbada celeste.

Mas naquele dia havia um desvairamento inexplicável de vento à solta, um fustigar impiedoso a que as pessoas não estavam habituadas, despedindo-se as árvores relutantes das últimas folhas e ficando a ver o turbilhão gigantesco com que assolavam os ares.

As pessoas e as coisas ensimesmavam-se transidas. Foi numa manhã assim ventosa, de relutância em sair e de fé numa qualquer centelha com que o universo nos brindasse através do computador, correio ou telefone capaz de substituir o ensimesmamento e colmatar o vazio enervante de uma manhã desconsoladamente invernosa, que o telefone tocou.

30.

Será preciso sair da Ilha para se fazer certos balanços de vida e se chegar a determinadas conclusões? Será que a distância que se interpõe entre pessoas e coisas tem mesmo poderes de elucidação e de acerto de contas? Está mais que visto que sim, vai-se concluindo Jesualda e demais gente desta estória, todos sabendo que numa ilha a consciência que se tem de existir sofre de limitações e de sufoco como se ir mais além fosse proibido e desnecessário, a mais não se é obrigado quando a amarração do nevoeiro e o embotamento da lazeira a isso nos conduzem. É-se feliz assim? Ser feliz é assunto da alta responsabilidade de cada um. E é bom que não se caia na tentação de fazer decretos ou leis a dizer que só se pode ser feliz desta e daquela maneira, pois que a única generalidade de que poderíamos fazer decreto-lei é o facto de a felicidade ser para todos nós um bichinho escorregadio e de difícil, muito difícil agarração.

31. NADA É TRISTE OU BELO

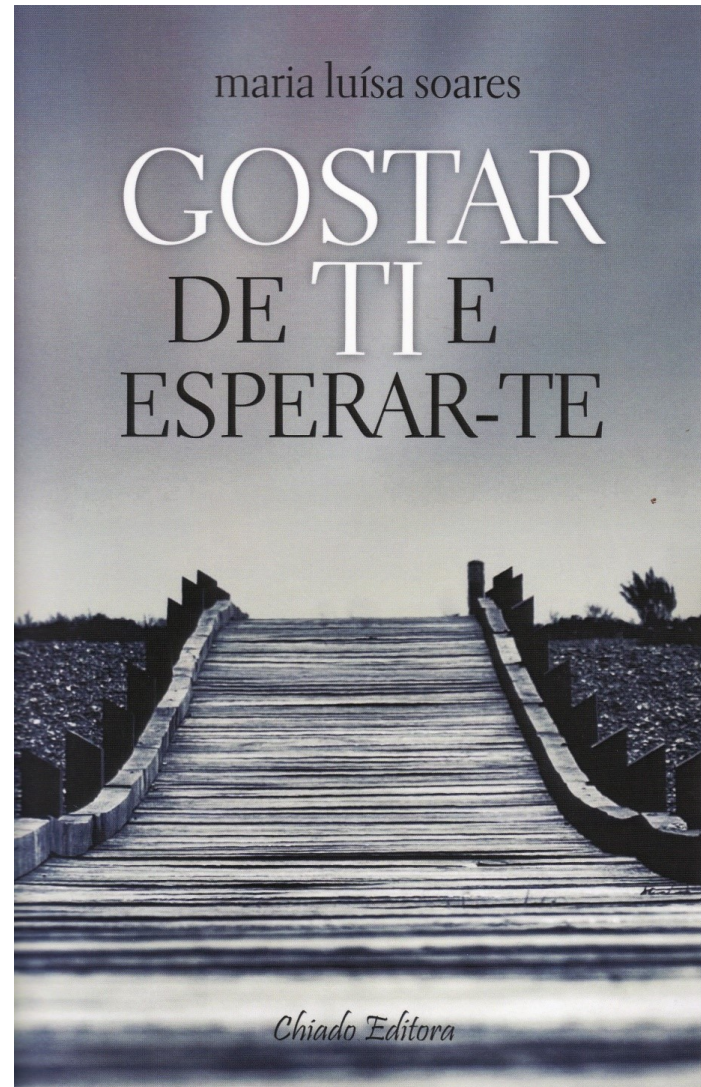
Nuvens
luz quente

cheiro a terra e a cacimbo

O espriar lento da vista
por esta terra nova

Nem sei se me perco
ou se me encontro
Em toda a parte me levo
e em toda a parte fica um pouco de mim
sem eu querer
Ama-se, chora-se, dança-se e pragueja-se
em toda a parte
E quando o desalento me aniquila
ou a surpresa do mistério me toca
e eu estremeço
nada posso reter
porque nada é triste ou belo
expecto os nomes que lhes damos





Aquele País

Finjo que encontrei aquele país
onde moram as vinhas e os pardais
onde as pedras de tão verdes são búzios
e embalam ao anoitecer

Lá a noite é breve
e de madrugada
espraíam-se os sinos pelo céu fora
como se a terra toda
se renovasse
e cada dia novo
que começasse
fosse uma festa enorme
um arco-íris doido
a explodir foguetes
e gostas de ternura

Ah, o passaporte!...
O PASSAPORTE!!!

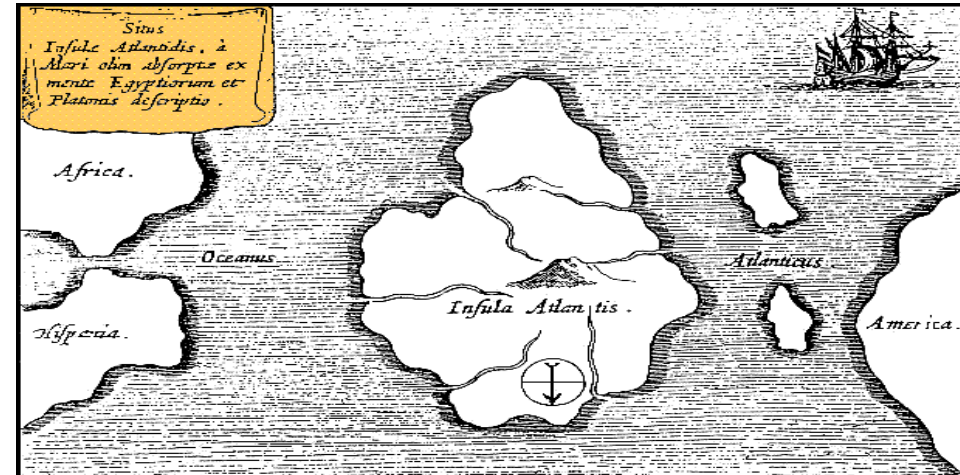
CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

CADERNO # 25 - edição setembro 2014

Maria Luísa Soares



COM EMANUEL FÉLIX



Editor AICL/Colóquios da Lusofonia (Chrys Chrystello editou este número)

Coordenação Chrys e Helena Chrystello

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia para todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por
ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA

©™® COLÓQUIOS DA LUSOFONIA (AICL,